Novos socios do Instituto

(RECEPÇÃO DOS DRS. CARLOS LIVINO DE CARVALHO, GUILHERME DE SOUSA PINTO, PROFESSOR MARTINZ DE AGUIAR, JOSÉ PEDRO SOARES BULCÃO E JOSÉ CARVALHO).

Discurso do dr. José Lino da Justa, orador oficial do Instituto.

Sr. Representante do exmo. sr. Interventor Federal.

Meus senhores.

Sem desconhecer os meritos de muitos outros intelectuais que honram e dão lustre ás letras cearenses, o INSTITUTO DO CEARA', na emergencia de aumentar e remodelar o quadro de seus socios efetivos, para uma finalidade mais eficiente, — andou bem acertado na seleção dos valores que hoje entram no seu seio.

Cabe-me a honra de saudar, em nome do INSTITUTO, os seus novos associados. Sinto-me com isto bastante desvanecido. Eu, que já descambo para a escarpa crepuscular do ocidente, saúdo com indivizivel contentamento esta pleiade nova que surge pela outra encosta que recebe o beijo do sol nascente, cheia de seiva e vigor e coroada pelas rosas da esperança. E' a mocidade que vem dispender a energia, vontade e esforço sadio de sua inteligencia, para dar mais vida e louros ao velho e glorioso INSTITUTO DO CEARA'.

E' assim que, sendo esta agremiação verdadeiro padrão representativo da cultura e da intelectualidade cearense, o INSTITUTO muito espera do vosso assiduo labor.

Alguns dentre vós já trazeis do vosso tirocinio pelo departamento das letras, trabalhos de reconhecido valor, que não precisarei citar porque todo o Ceará os conhece e deles se ufana.

São estes os nomes dos operarios que chegam após jornada brilhante:

Dr. Carlos Livino de Carvalho é um jurista renomado, dr. Guilherme de Sousa Pinto, especialista nas investigações das

cifras estatisticas; professor Martinz de Aguiar, de reputação acatada como filologo; José Pedro Soares Bulcão, com estudos originais na especialidade da cronica genealogica; José Carvalho, jornalista, e incansavel investigador da nossa historia; e finalmente dr. Leonardo Mota (ausente) folclorista conhecido em todo o Brasil.

Sejais, pois, bemvindos. Entrai. As portas deste INSTITTO se abrem como duas asas brancas para vos receber num amplexo fraterno, na plenitude de uma viva alegria.

Aqui só encontrareis companheiros amigos, nas expansões de uma cordialidade franca, sem preconceitos nem rivalidades, porque todos labutam para um só fim, comungando o mesmo idéal, dentro de uma atmosfera de paz e harmonia.

Aqui podereis desenvolver a vossa atividade pensante e emocional, num ambiente de concordia e serenidade amiga, á semelhança daqueles ágapes do mundo antigo, no sub-solo da **Cidade Eterna.**

Meus senhores.

Ainda ha pouco escrevia publicista notavel: "Ha uma palavra que, mais do que nenhuma outra, define em nossos dias o estado de espirito em que se acha o mundo moderno. Essa palavra é — inquietude... Inquietude em tudo. Nas letras, no comércio, na politica e nas relações amorosas. Inquietude generalizada a todos os paises e a todos os ramos da atividade do homem. Daí, esse sôpro da vacilação, da duvida, de incerteza que caracteriza, positivamente a geração da hora atual".

Mas, senhores, afirmo-vos que aqui ainda não chegou essa rajada de deserença que na verdade parece soprar forte, vinda num arremêsso de vendaval, dos quadrantes do mundo civilizado, após a grande guerra.

Aqui, pois, neste ambiente, não ha inquietação, como lá fóra, mas, sim confortadora serenidade que convida ao estudo que revigora a inteligencia e á meditação que traz energias novas para nossas almas.

Pena é entretanto, Senhores, que ainda encontreis este INSTITUTO como nos seus primeiros tempos, isto é, sem uma instalação condigna. Abandonado dos poderes publicos, apesar das nossas repetidas solicitações, não temos ainda uma casa permanente para as nossas sessões, as nossas comemorações, onde o publico pudesse ter ingresso, nem um abrigo para a nossa biblioteca que ascende a mais de 6.000 volumes.

E agora, que um jacto de sangue novo vem dar mais alento a este INSTITUTO, alimentando melhores possibilidades para maior e mais eficiente colaboração, julgo ser oportuno vir o Estado, cujos interesses intelectuais representamos, em auxilio de tão util e nobre associação. E' justa e natural esta aspiração. Os povos não vivem somente dos bens materiais que lhes traz o progresso, porque acima das cousas do mundo

fisico, existe para harmonia do proprio universo, esse outro mundo esplende e majestoso firmamento da inteligencia humana, num extase encantador e no goso suave da sua existencia espiritual.

Meus Senhores.

Os trabalhos que este INSTITUTO já produziu constituem o maior padrão de glória da sua atividade e utilidade publica. Atingem a 48 os volumes publicados da sua Revista, obra imorredoura que ele lega á posteridade, para exemplo das gerações que hão de vir.

E, façamos justiça, a quem se deve o grande milagre desta assidua e continua publicação? Ao seu nobre e benemerito Presidente, Sr. Barão de Studart, que num labor ousado e pertinaz não olhou sacrificio de ordem alguma para, numa insania de principe egipcio, erguer não piramides de granito, mas o maior monumento que ainda possuem as letras e a historia patricia — A Revista do INSTITUTO DO CEARA'.

Disse: êle não olhou sacrificios.

E, realmente, nas pesquisas de suas locubrações longas e perseverantes, durante quasi meio seculo, comprometeu inteiramente a sua preciosa vista.

"Quem procura a ciencia, disse Salomão, procura a dôr; ha grandes sofrimentos numa grande inteligencia".

Mas, apesar desta fatalidade, o Barão de Studart continúa sendo um grande batalhador, com a sua alma viril encorajando os moços para que prossigam a sua obra imortal, vislumbrando talvez, através da penumbra de suas pupilas, as visões que animaram o genio do **"Paraiso Perdido"**.

Discurso do Dr. C. Livino de Carvalho no Instituto do Ceará na sessão de 31 de outubro ultimo:

Exmos. Snrs. Presidente e mais membros do Instituto do Ceará.

Exmo. Sr. representante do Sr. Interventor Federal.

Os socios recipiendarios desta casa agradecem sinceramente a honra de sua inclusão no sodalicio notavel, que por vossa competencia e esforço tanto nobilita o Ceará, e sentem-se comovidos ante a excessiva benevolencia do vosso digno interprete.

Não nos fica bem falar de nossa humildade ante o vosso acolhimento generoso, tanto mais quanto cientes do nosso demerito nos chamastes ao vosso seio sem temor de tão onerosa fiança.

Fique, pois, na penuria das nossas palavras em face á singeleza emocionante deste ambiente o simbolismo da nossa manifesta fraqueza ante a grandiosidade velada deste silogeu.

Tambem não seria curial tentassemos aqui um panegirico do Instituto, essa obra extraordinaria, que as nossas pobres palavras não serviriam para exprimir no seu valor real.

Ninguem que atente nos esforços dos nossos homens em melhor se conhecerem deixará de lobrigar a bruxoleante chama, que nas perdidas ribanceiras do nordeste revela o fogo sagrado deste templo.

E ninguem que tenha alguma vez perlustrado as coleções deste Instituto deixará de reconhecer-lhe o merito e a valia para o ilustrativo exame dos nossos dias idos e futuros.

Entretanto, todos nós somos concordes em reconhecer que esse muito, que já se fez, é um nada em face do que resta fazer; são pedras soltas conduzidas ao pé da obra monumental, que um dia alguem edificará.

Quem carregará as pedras que faltam?

Quantos barões de Studart teremos ainda na chefia desta turma de obreiros?

E quem construirá o gigantesco edificio?

Ah!... que vastidão imensa é o passado e como o homem o palmilhou incautamente! que pélago agitado é o presente, que ele ainda tateia! e que abismo aquele futuro novocnto, no qual se ele lança fascinado e cégo!

— Herodoto não imaginára Cantu, nem este advinhara os Lepsius, os Mommsens, os Taines, as novas revelações dos monumentos, da geologia, da linguistica, dos arquivos da paleontologia, da etnografia, que deslumbram mais e mais os seus insaciaveis pesquisadores.

Todavia, a despeito da agudeza do espirito moderno e da riqueza do material, que se tem em mãos, inda ninguem obteve das graças de Clio a chave magica do grande templo; nenhuma teoria da historia da humanidade poude jamais ser construida sobre bases cientificamente exatas.

Trabalha-se, no entanto, e cada operario só, ou em conjuntos homogeneos nos centros de cultura especialisada, como abelhas de um cortiço descomunal, faz do seu concurso uma vibração util á sonhada consonancia final.

O Instituto do Ceará é um élo de coordenação nesse andamento latente e incoercivo para o conhecimento perfeito do homem e determinação segura de sua trajetoria.

Já ninguem contesta que a historia não é simples exposição e coordenação de fatos, porque visa, com o auxilio das demais ciencias, conhecer pela compreensão precisa do passado o futuro do homem.

— Sabido que nada de novo pode existir no mundo, tudo deve estar em perceber, explicar e encadear o que houve, por

que, se isto se alcançar com exatidão, os misterios do amanhã ficarão em grande parte reduzidos a equações resoluveis por formulas predeterminadas.

Já se vae nessa róta distinguindo alguma cousa.

— Agora mesmo, quando nesta solenidade comemorais episodios resaltantes e longinquos da nossa vida e a vossa mente se embrenha em detalhes de trama, em exame de causas e resultantes sociais, podemos desgarrar, ir mais alto examinar os fatos nos seus liames com as leis, que comandam os movimentos humanos, e fazendo isto logo nos surpreenderá a circunstancia de que ali no Crato, em 1817, onde a luta primeiro culminou de significação, se delinea toda uma teoria psicologica do homem aplicada a fatos coletivos.

— Sabe-se que as idéas radicadas dificilmente abandonam a outras novas o seu **habitat**, sem que, entretanto, isto importe a negação impossivel da lei do aperfeiçoamento humano.

Aí está o antropofago de ontem sublimado no gentilhomem de hoje, o bronco habitante das selvas medindo as orbitas dos astros e iluminando de um hemisferio monumentos do outro hemisferio da terra, ensinando transcendentes metafisicas e regras de idealisada estetica.

Sem duvida, no conceito geral dos psicologos, o desenvolvimento intelectual do homem é a causa dominante desse milagre, embora concausas se admitam como, por exemplo, a transmissão hereditaria, que Darwin e Spencer restringem, enquanto Weismann e Wallace contestam inteiramente.

Seja, porem, como fôr, a despeito do constante apuramento das faculdades humanas, verdade é que os sentimentos sedimentados no espirito somonte daí se afastam com a lentidão com que aí se formaram.

Ora, a religião, o estado e a familia são as concepções fundamentais do mundo social, as sensações mais profundas do espirito. Suas representações não podem ser facilmente alteradas, menos substituidas abruptamente, porque resultam de emoções repetidas e afirmadas longamente.

Povo algum jamais consentiu que lhe tomassem mansamente o seu Deus. Tambem, aquele que viveu convencido de que o poder real tem origem divina; que o seu rei é o seu senhor por graça de Deus, assim como o foi de todos os seus maiores, não toleraria que facilmente lhe arrancassem do cerebro aquela idéa e do Estado esse chefe inviolavel.

Tal como o selvagem não suportaria de bom grado que lhe substituissem a tanga e o cocar por um chapeu de feltro e um calção de lã.

Tal como nós proprios nos oporiamos tenazmente a que nos despojassem das conquistas da civilisação, que tanto prezamos hoje.

Os que infringem essa regra e lhe ficam em contrario formam a exceção natural a toda regra e, muitas vezes, trabalham incientemente os sentimentos do futuro, elaboram, na vanguarda, a transformação natural das idéas na tessetura inevitavel do progresso.

Mas esses vanguardeiros não podem furtar-se á reação dos conservadores; reação util á estabilidade das cousas humanas na ordem politica, como na ordem social, como na ordem moral.

Sem essa reação instintiva e benefica tudo resultaria instavel, momentaneo e iria findar na anarquia mais destruidora, absolutamente impropria a toda conquista proveitosa, a toda evolução.

E de duas maneiras principais essa oposição se opéra: — numa, os dinamicos, os fortes fazem-na desassombrados, abertamente; — noutra, os timidos, os frageis a dissimulam e agem com maior, ou menor obrepção.

Ora, tudo isto, que dispensa maior largueza de exposição, está fielmente esculpido no episodio do Crato.

— Martiniano, Tristão e seus adeptos são esculcas de uma nova cruzada; querem outras liberdades, o Estado sem rei, o homem fóra de todo poder senhoreal; emfim toda a destruição de uma ordem politica secular enraizada no senso dos coévos com a força de sentimentos profundos, longamente formados.

Que é logico que acontecesse?

Não vae a onda contra a onda sem choque e tanto maior quanto mais fortes sejam elas.

Pois foi o que se deu e por suas formas registradas.

— Lá estão Filgueiras e Leandro comandando a inevitavel, necessaria e salutar reação. Filgueiras dissimulado, sobrepticio; Leandro descoberto e decisivo, ambos agindo no mesmo sentido de manter as instituições contra a inovação intrusa; ambos defendendo o direito constituido contra a usurpação, ambos na mais legitima das atitudes.

Ninguem póde exigir que todos possuam a faculdade excepcional de exceder a méta do seu tempo, de adiantar-se sobre os contemporaneos; e daí vem que a resistencia ás idéas novas é um expontaneo e justificado movimento, tão natural quanto a legitima defesa propria.

Olhada, assim, por este prisma a revolução de 17 no Crato é um tipo definido e mais ou menos completo de fenomeno individual repetido e ampliado na sociedade.

— Então, se isto é exato, verdade seria, tambem, que as leis do homem são as leis da sociedade.

Quem o duvida?

— E alem dessa semelhação fecunda, entendidos certos fatos coletivos na sua corelação com os legitimos sentimentos

humanos, melhor justiça surgirá; o rancor com que os adversarios contendem teria de ceder a um tratamento mais dôce e mais justo.

Na verdade, que poderá haver de mais procedente que as aspirações liberais de Tristão, de Martiniano, se o homem sempre sonhou com uma independencia maior, com um melhor viver? E que poderá haver de mais razoavel que as oposições de Filgueiras e de Leandro, se todos teem o direito de defender o que possuem?

Porque odiarem-se, se ambos poderiam combater compreendendo-se?

Porque louvar e festejar a ação de uns e deprimir e infamar a dos outros, se ambos os adversarios procediam com inequivoca legitimidade?

— Helder, no prefacio de sua obra — "Idéas sobre a filosofia da historia da humanidade" — disse, segundo li em um escritor: — "Tudo tem a sua filosofia, porque a historia não terá a sua?"

Esse autor, partindo do principio de que deve existir um plano no governo dos destinos gerais da humanidade, procurou descobri-lo e determina-lo.

Mas foi Vico, o notavel filosofo italiano, quem em 1725 fundou a filosofia da historia com a sua obra celebre — "Principios de uma ciencia nova relativa á natureza comum das nações, por meio dos quais se descobrem novos principios do direito natural das gentes".

Michelet, traduzindo esse trabalho, deu-lhe a denominação com que ele se tornou conhecido geralmente: — "Principios da filosofia da historia", e aí o avançado historiador francês mostrou que Vico pretendêra separar os fenomenos regulares dos acidentais e determinar as leis gerais, que regem os primeiros.

Pois é esse já velho e larguissimo caminho, que o Instituto trilha, o mais seguro para chegar depressa á verdade e melhor instruir o Homem sobre o seu passado e esclarece-lo sobre o seu porvir.

Caminhemos por ele resolutamente, esmiucemos-lhe as verôdas e encruzilhadas, alarguemo-lo quanto estiver em nossas possibilidades, e saiba cada companheiro veterano que nenhum dos novos se ficará na retaguarda.

Afinal, de cada um de nós, que penetramos aqui neste momento, sois vós, que nos chamastes, os fiadores abonados, e cada qual que fale por si nos dias que vão seguir. De mim, se me fosse licito alguma cousa dizer para exprimir quanto sinto e me aflige, bastaria repetir as alegoricas palavras de Santo Agostinho ao receber a mitra de Himéria: — "Apiedae-vos de mim, Senhor! que a minha desventura me trouxe a este logar!"